

O Senhor da Guerra dos Céus

Michael Moorcock

Tradução de João Henrique Pinto

Para Julie

Utopia: 1973

O mundo seria um lugar bem mais diferente se não fosse dilacerado e ensanguentado por guerras constantes. O sofrimento humano seria muito menor e, quem sabe que maravilhas conseguiriam ser alcançadas, se toda a humanidade mantivesse a paz.

Neste excitante e imaginativo romance, Michael Moorcock narra a história de um homem que visitou um mundo desses. O ano é o de 1973, e já não existiam quaisquer guerras desde 1910. A tecnologia, o comércio e a política internacional tinham-se desenvolvido sem a interferência da guerra.

Trata-se de uma nova Utopia... Sê-lo-á? Pois existe uma sombra a pairar precisamente por cima desse resplandecente amanhã, e a mesma está a tornar-se cada vez maior. Será uma guerra calamitosa verdadeiramente inevitável?

«A guerra nunca tem fim. O melhor que podemos esperar são momentos ocasionais de tranquilidade no seio do conflito.»

LOBKOWITZ

Nota do Editor

Eu nunca conheci o meu avô, Michael Moorcock, e sempre soube muito pouco acerca dele, até à morte da minha avó, no ano passado, quando o meu pai me entregou uma caixa com documentos dele. «Parece que isto tem mais a ver com o teu ramo do que com o meu», disse-me ele. «Não sabia que tínhamos outro escrevinhador na família.» A maior parte dos documentos tratava-se de diários, do início de alguns ensaios e contos, e de alguma poesia convencional do período eduardino. Havia também um manuscrito dactilografado, o qual, sem qualquer outro comentário, aqui publicamos, talvez um pouco mais tarde do que o que ele teria desejado.

Michael Moorcock
Ladbroke Grove
Londres
Janeiro de 1971

Índice

LIVRO UM

Página 13

Como um oficial do Exército inglês entrou no mundo do futuro e aquilo que aí encontrou

- I O Comedor de Ópio de Rowe Island
- II O Templo de Teku Benga
- III Sombra Vinda do Céu
- IV Um Arqueólogo Amador
- V O Meu Primeiro Vislumbre de Utopia
- VI Um Homem sem Objectivos

LIVRO DOIS

Página 69

Mais estranhos acontecimentos; uma revelação; e vários desastres!

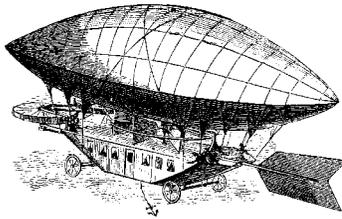
- I Uma Questão de Emprego
- II Um Homem com um Grande Bordão
- III Desastre... e Desgraça!
- IV Um «Irmão» Boémio
- V O Comandante Korzeniowski

LIVRO TRÊS

Página 115

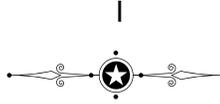
O outro lado da moeda; a reviravolta do jogo; apresentação do Senhor da Guerra dos Céus; e a saída do excursionista do Tempo...

- I O General O. T. Shaw
- II O Vale do Amanhecer
- III Chíng Chéng Ta-Chia
- IV Vladimir Ilyitch Ulianov
- V A Chegada das Frotas dos Céus
- VI Outro Encontro com o Arqueólogo Amador
- VII O Projecto BCN
- VIII O Homem Perdido



LIVRO UM

Como um oficial do Exército inglês
entrou no mundo do futuro
e aquilo que aí encontrou



O Comedor de Ópio de Rowe Island

Na Primavera de 1903, e seguindo o conselho do meu médico, tive a oportunidade de visitar a remota e encantadora porção de terra situada no meio do Oceano Índico, a qual passarei a designar de Rowe Island. Eu tinha estado submetido a um excesso de trabalho, e por isso adquirira o que actualmente os charlatões gostam de designar por «esgotamento», ou até mesmo por «debilidade nervosa». Por outras palavras, sentia-me completamente exausto, e estava a precisar de um descanso longe de tudo. Tinha um ligeiro interesse pela companhia mineira, que é a única indústria existente na ilha — a não ser que também incluamos a Religião! —, e sabia que tinha um clima óptimo, tal como a sua localização, que era um dos locais mais saudios do mundo, e fica a cerca de dois mil e quinhentos quilómetros de qualquer forma de civilização. Então, comprei o meu bilhete, fiz as malas, despedi-me dos familiares e amigos mais próximos, e embarquei a bordo do transatlântico que me levaria até Jacarta. Daí, depois de uma agradável viagem sem quaisquer problemas, apanhei uma das embarcações da companhia até Rowe Island. Levei menos de um mês a fazer a viagem.

Rowe Island não deveria estar onde realmente está. Não existe nada na sua proximidade. Não há nada a indicar a sua presença naquele local. Encaramos com ela de repente, erguendo-se do mar, como o cume de uma enorme montanha submersa — o que, na realidade, é! Trata-se de um vasto conjunto de rochas vulcânicas, rodeado por um mar tremeluzente, e que se assemelha a metal polido, quando está calmo, ou a prata em ebulição e aço derretido, quando está agitado. O rochedo tem cerca de dezanove quilómetros de comprimento por oito de largura, possui uma vegetação espessa em alguns locais, e é austero e desprotegido noutros. Sobe-se por uma colina até se chegar ao topo, e depois, do outro lado do cume, a rocha começa simplesmente a descer, sempre a pique, até ao mar, que fica a trezentos e cinco metros lá em baixo.

Construída à volta do porto, existe uma cidade bastante grande que, à medida que nos vamos aproximando dela, não se poderia assemelhar mais a uma próspera aldeia piscatória de Devon até avistarmos os edifícios malaios e chineses, por detrás das fachadas dos hotéis e dos escritórios, que contornam o desembarcadouro. No porto, há espaço suficiente para um bom

número de navios a vapor de grandes dimensões, e para algumas embarcações à vela, principalmente *dhows* nativos e juncos, que são usados para a pesca. Do alto da colina, podem ver-se os trabalhos das minas, que empregam a maior parte da população, que é composta por operários malaios e chineses, assim como pelas suas mulheres e pelo resto da família. Também muito notáveis no desembarcadouro são os armazéns e os escritórios da Companhia Mineira de Fosfatos de Welland Rock, bem como a enorme fachada branca e dourada do Royal Harbour Hotel, cujo proprietário é um tal Minheer Olmeijer, um holandês oriundo de Surabaia. Também existe um número quase ímpio de missões religiosas, templos budistas, mesquitas malaias e santuários de origem ainda mais misteriosa. Existem vários hotéis menos ornamentados do que o de Olmeijer, lojas genéricas, barracas e edifícios que servem a minúscula linha dos caminhos-de-ferro, que transporta o minério desde a montanha e ao longo do desembarcadouro. Existem três hospitais, dois dos quais apenas se destinam aos nativos. Digo nativos num sentido «lato», pois não havia nativos de qualquer espécie, antes de a ilha ter sido formada, trinta anos antes, pelas pessoas que criaram a empresa Welland; a mão-de-obra foi toda trazida da Península, principalmente de Singapura. Na encosta que fica a sul do porto, encontrando-se algo afastada da cidade, mas sobranceira à mesma, situa-se a residência do Representante Oficial, o Brigadeiro Bland, junto das casernas que alojam a pequena guarnição da Polícia nativa, sob o comando de um muito íntegro servidor do Império, o Tenente Allsop. Por cima das paredes de estuque brancas, esvoaça uma bandeira do Reino Unido, símbolo de protecção e justiça para todos os que residem na ilha.

A não ser que se pretenda fazer uma interminável série de visitas aos outros ingleses que aí se encontram, sabendo a maior parte deles falar apenas de minas ou de missões, não há muita coisa para fazer em Rowe Island. Existe uma sociedade dramática amadora, que todas as quadras natalícias leva à cena uma peça na residência do Representante Oficial, e uma espécie de clube onde se pode jogar bilhar, se formos convidados pelos membros mais velhos — fui convidado uma vez, mas joguei tremendamente mal. Os jornais locais de Singapura, Sarawak ou Sydney têm quase sempre, no mínimo, quinze dias de atraso, e isto quando se consegue arranjá-los; o *Times* tem cerca de um mês a seis semanas; e as revistas ilustradas da nossa terra, com tiragem semanal ou mensal, podem chegar a ter qualquer coisa como seis meses quando lhes pomos a vista em cima. Esta escassez de notícias actualizadas é, obviamente, algo de muito bom para alguém que está a recuperar de um esgotamento. É difícil exaltarmo-nos com uma guerra, que já dura há um mês ou dois quando vimos a ter conhecimento dela, ou com uma agitação na bolsa de valores, que acabou por se resol-

ver, de uma maneira ou de outra, na semana anterior. Somos forçados a descontraírmolos. Afinal de contas, não há nada que possamos fazer para alterar o rumo daquilo que passou à história. Mas é quando começamos a recuperar a energia, tanto a física como a mental, que nos apercebemos de quão aborrecidos nos sentimos... E no espaço de dois meses, esta percepção atacou-me de uma forma mais pungente. Comecei a alimentar uma esperança ainda mais perversa de que algo estaria para acontecer em Rowe Island: uma explosão na mina, um tremor de terra ou, talvez, uma revolta dos nativos.

E foi com este estado de espírito que eu me comecei a deslocar com alguma frequência ao porto, para observar os navios a carregarem e a descarregarem, com grandes filas de estivadores a transportarem sacos de milho e arroz ao longo do desembarcadouro, ou a empurrarem carrinhos de mão, carregados de fosfato, pelas pranchas acima, para os esvaziarem nos porões vazios. Fiquei surpreendido ao ver tantas mulheres a fazerem trabalhos que, em Inglaterra, poucos teriam pensado que elas fossem capazes de os fazer! Algumas dessas mulheres ainda eram bastante jovens, e outras havia que eram quase belas. Quando um navio, ou vários, se encontravam atracados, o barulho era quase ensurdecedor. Havia corpos nus, castanhos e amarelos, que andavam incessantemente de um lado para o outro, parecendo uma onda de lama em constante agitação, a suarem sob o intenso calor, um calor que só era suavizado pelas brisas vindas do mar.

Foi num dia como esses que fui até ao porto, depois de ter almoçado no Hotel de Olmeijer, onde estava hospedado. Estava a observar um navio a vapor, que abrandava a marcha ao chegar ao desembarcadouro, ao mesmo tempo que ia accionando o apito, para avisar os juncos e os *dhow*s que proliferavam à sua volta. Como tantos outros navios que navegavam por esta parte do mundo, era robusto mas pouco atraente à vista. O casco e a superestrutura estavam desgastados pelo tempo, e a precisar de serem pintados, e a tripulação, na sua maioria lascarins, parecia que se teria sentido mais à vontade num qualquer navio pirata malaio. Vi o comandante, um escocês já com uma certa idade, a injuriá-los da ponte do navio e a bramir incoerentemente através de um megafone, enquanto um oficial mestiço parecia estar a interpretar uma estranha dança individual no meio dos outros marinheiros. O navio era o *Maria Carlson*, que tinha chegado com provisões e, assim eu esperava, com algum correio. Finalmente, lá conseguiu ancorar, e eu comecei a abrir caminho por entre os estivadores em direcção ao navio, na esperança de que me tivesse trazido algumas cartas e as revistas que eu tanto tinha suplicado ao meu irmão para que me enviasse de Londres.

Os cabos de amarração estavam presos, a âncora tinha sido largada, e as pranchas haviam sido descidas. Então, o oficial mestiço, com o boné

descaído para a parte de trás da cabeça e a jaqueta desapertada, desceu de um salto, ao mesmo tempo que gritava para os estivadores ali reunidos, que agitavam os pedaços de papel que lhes tinham sido entregues no escritório de contratações. Enquanto gritava, ia pegando nos papéis e acenava freneticamente em direcção ao navio, provavelmente a dar-lhes instruções. Saudei-o com um gesto da minha bengala.

«Há algum correio?» perguntei-lhe.

«Correio?... Correio!?» respondeu ele; e lançou-me um olhar misto de ódio e de desprezo, que eu interpretei como sendo uma resposta negativa à minha pergunta. Depois, voltou a subir rapidamente a prancha do navio e desapareceu. Não obstante, resolvi aguardar, na esperança de ver o comandante e confirmar junto dele que, de facto, não havia qualquer correio. Nessa altura, vi um homem branco a surgir ao cimo da prancha, que parou e começou a olhar à sua volta de uma forma fixa e inexpressiva, como se não estivesse mesmo nada à espera de encontrar terra do outro lado da amurada. Houve alguém que lhe deu um empurrão e ele cambaleou pela prancha abaixo, caindo ao chegar ao fim da mesma. Levantou-se imediatamente do chão, mesmo a tempo de apanhar a pequena mochila que o oficial lhe tinha arremessado do navio.

O homem estava vestido com um fato imundo de linho, não usava chapéu nem tinha camisa por baixo. A barba dele estava por fazer e calçava um par de sandálias nativas. Já antes tinha encontrado homens daquele tipo. Era um miserável, que o Oriente tinha deixado na ruína, e que descobrira uma fraqueza no seu íntimo, que provavelmente nunca teria descoberto se tivesse ficado na segurança do seu lar, em Inglaterra. Contudo, enquanto ele se endireitava, fiquei surpreendido com a expressão de intensa miséria revelada pelos seus olhos, e uma certa dignidade na sua postura, que não era, de modo algum, frequente naquele tipo de homem. Colocou a sacola ao ombro e começou a caminhar em direcção à cidade.

«E não tente regressar a bordo, senhor, ou da próxima vez terá que enfrentar a justiça!» gritou o oficial do *Maria Carlson*, à medida que ele se ia afastando. O desgraçado do homem já mal o conseguia ouvir, enquanto continuava a caminhar pensosamente pelo cais fora e ia recebendo encontros dos estivadores, frenéticos por arranjarem trabalho.

O oficial viu-me e gesticulou impacientemente na minha direcção: «Não há correio! Não há correio!!»

Decidi acreditar nele, mas perguntei-lhe, quase a gritar: «Quem é aquele fulano? O que é que ele fez?»

«Passageiro clandestino!» foi a curta resposta que ele me deu.

Perguntei-me porque é que alguém iria querer viajar clandestinamente num navio com destino a Rowe Island, e, por instinto, dei meia vol-

ta e comecei a segui-lo. Por alguma razão, eu acreditava que ele não era um sem-abrigo qualquer, e tinha despertado a minha curiosidade. Além disso, eu estava tão aborrecido que seria capaz de agradecer qualquer coisa que me libertasse desse sentimento. Por outro lado, também tinha a certeza de que *havia* algo de diferente nos olhos e na postura daquele homem, e, se conseguisse ganhar a sua confiança, talvez ele tivesse uma história interessante para me contar. Além disso, também sentia uma certa pena dele. Então, fosse qual fosse a razão, apressei-me a interceptá-lo e dirigi-me a ele:

«Não fique ofendido» disse-lhe eu, «mas parece-me que está a precisar de uma boa refeição, e talvez de uma bebida.»

«De uma bebida!?!...»

Voltou-se para mim com aqueles olhos estranhos e atormentados, como se eu fosse o Diabo em pessoa, e repetiu: «De uma bebida?»

«O senhor parece estar de rastos, meu caro.» Eu mal conseguia olhar para aquele rosto, tão grande era o sofrimento que via nele. «Acho que faria melhor em vir comigo.»

Sem oferecer qualquer resistência, deixou-me guiá-lo ao longo da estrada do porto, até que acabámos por chegar ao Hotel de Olmeijer. Os empregados indianos que se encontravam no átrio da entrada não ficaram contentes ao verem-me levar um homem que era, evidentemente, um sem-abrigo, mas conduzi-o de imediato pelas escadas acima, para a minha suite, e ordenei ao criado de quarto que lhe pusesse um banho a correr. Entretanto, sentei o meu convidado na melhor poltrona que tinha, e perguntei-lhe o que queria tomar.

Ele encolheu os ombros. «Qualquer coisa. Rum?!...»

Servi-lhe uma generosa dose de rum e estendi-lhe o copo. Ele esva-ziou-o num abrir e fechar de olhos e depois agradeceu-me. Recostou-se serenamente na poltrona, com as mãos entrelaçadas em cima dos joelhos, e ficou a olhar fixamente para a mesa.

O seu sotaque, apesar de parecer distante e assombroso, era o de um homem culto, o de um cavalheiro, e isso fez com que a minha curiosidade aumentasse ainda mais.

«De onde é o senhor?» perguntei-lhe. «De Singapura?»

«De onde?...» Ele lançou-me um olhar estranho e depois franziu as sobrancelhas para si mesmo. Murmurou algo que não consegui compreender, e depois apareceu o criado a dizer-me que o banho já estava pronto.

«O banho já está pronto» disse-lhe eu. «Se desejar usar um dos meus fatos, poderei procurar um que lhe sirva. Temos quase as mesmas medidas.»

Levantou-se como se fosse um autómato e seguiu o criado de quarto

até à casa de banho, mas, pouco tempo depois, voltou a aparecer: «O meu saco?» perguntou.

Peguei no saco do chão e entreguei-lho. Voltou a entrar na casa de banho e fechou a porta.

O criado olhou para mim com um certo ar de curiosidade. «Ele é algum... algum parente seu, *sahib*?»

Comecei a rir-me. «Não, Ram Dass. É apenas um homem que conheci no desembarcadouro.»

Ram Dass sorriu. «Ah! Trata-se de caridade cristã...» E pareceu-me ter ficado contente. Sendo um converso recente — e o orgulho de uma das missões locais —, estava constantemente a traduzir todas as acções misteriosas dos ingleses em simples e virtuosos termos cristãos. «Então, ele é um mendigo?... E o senhor é o samaritano.»

«Não tenho a certeza de ser tão altruísta quanto isso» disse-lhe eu. «Podes ir buscar um dos meus fatos, para que o cavalheiro o possa vestir, depois de ter tomado o seu banho?»

Ram Dass anuiu entusiasticamente. «E uma camisa, uma gravata, meias e sapatos... tudo o que for preciso?»

Eu divertia-me com os seus modos. «Muito bem! Sim, tudo.»

O meu hóspede levou muito tempo nas suas abluções, mas, por fim, saiu do banho muito mais asseado do que quando entrara. Ram Dass vestiu-lhe as minhas roupas, que lhe assentaram extraordinariamente bem, apesar de ficarem um tanto ou quanto largas, uma vez que eu estava consideravelmente mais bem alimentado do que ele. Por detrás do desconhecido, Ram Dass brandia uma navalha de barbear tão resplandecente como o seu sorriso. «Barbeei o cavalheiro, *sahib*!»

O homem que agora estava à minha frente era um jovem muito bem-parecido, à beira dos trinta anos; no entanto, havia algo no conjunto das suas feições que, por vezes, o fazia parecer mais velho. Tinha cabelo louro e ondulado, maxilares fortes e uma boca bem delineada. Não revelava o mínimo sinal característico de fraqueza, que eu aprendera a reconhecer nos outros indivíduos como ele que encontrara até à data. Alguma da dor presente nos seus olhos tinha agora desaparecido, mas havia sido substituída por uma expressão ainda mais remota, talvez sonhadora. E fora Ram Dass, cheirando insistentemente por detrás do homem, enquanto segurava um longo cachimbo entalhado na mão, quem me dera a pista...

Então era isso! O meu hóspede era um comedor de ópio! Ele estava dependente de uma droga que alguns já haviam apelidado de «A Praga do Oriente», a qual em muito contribuía para aquela postura habitual de fatalismo, que relacionávamos com o Oriente, e que retirava aos homens a vontade de comer, de trabalhar e de se entregarem a qualquer um dos prazeres

normais com que outros homens ocupavam o seu tempo livre; uma droga que, eventualmente, acabaria por matá-los.

Com algum esforço, consegui controlar qualquer expressão de horror ou piedade que pudesse estar a sentir e, em vez disso, perguntei-lhe:

«Ora muito bem, meu caro... O que me diz a um almoço fora de horas?»

«Se assim o desejar...» respondeu ele, com um ar distante.

«Deduzi que o senhor deveria estar com fome.»

«Fome?... Não.»

«Bom, de qualquer forma, vamos tentar arranjar qualquer coisa. Ram Dass!... Podes providenciar alguma comida? Talvez algo frio. E diz ao senhor Olmeijer que tenho um convidado que irá cá passar a noite. Vamos precisar de lençóis para a outra cama, e de todas as outras coisas.»

Ram Dass saiu, e, sem ter sido convidado, o meu hóspede dirigiu-se ao aparador e serviu-se de um *whisky*. Hesitou alguns instantes, antes de lhe misturar um pouco de soda. Era quase como se estivesse a tentar recordar-se de como se preparava uma bebida.

«Para onde é que se dirigia, quando embarcou clandestinamente?» perguntei-lhe. «De certeza que não era para Rowe Island...»

Ele deu meia volta, enquanto bebericava a sua bebida e olhava fixamente, através da janela, para o mar que se estendia para lá do porto. «Estamos em Rowe Island?...»

«Estamos, sim. O fim do mundo, relativamente a uma série de coisas.»

«O fim do quê!?!...» Olhou para mim com um ar desconfiado, e eu voltei a aperceber-me de um vislumbre daquele tormento nos olhos dele.

«Eu estava a falar em sentido figurativo. É que não há muito que fazer em Rowe Island. Na verdade, não há nenhum sítio aonde possamos ir, a não ser regressarmos ao local de onde o senhor veio. A propósito, de onde é que o senhor vem?»

Ele fez um gesto vago com a mão. «Estou a ver... Sim... Oh, do Japão, acho eu.»

«Do Japão? O senhor deveria estar nos serviços estrangeiros, talvez...»

O homem olhou para mim atentamente, como se estivesse a pensar que as minhas palavras pudessem ter um qualquer significado oculto. Depois, disse: «E antes disso, estive na Índia. Sim, na Índia, antes disso. Estive no Exército.»

«E como?...» Eu sentia-me embaraçado. «Como é que acabou a bordo do *Maria Carlson*?... O navio que o trouxe até aqui?»

Ele encolheu os ombros. «Receio não me recordar. Desde que par-

ti, ou melhor, desde que regresssei, tudo se tem passado como se fosse um sonho. Apenas o maldito ópio me tem ajudado a esquecer. Com ele, os sonhos tornam-se menos aterradores.»

«O senhor consome ópio?» Senti-me um hipócrita, ao colocar-lhe a pergunta daquela forma.

«Tanto quanto conseguir arranjar.»

«Parece-me ter atravessado uma terrível experiência...» disse eu, esquecendo-me por completo dos bons modos.

Nessa altura, ele riu-se, mais como que dele próprio do que de mim. «Sim! Sim... Deu comigo em doido. Pelo menos, é isso que o senhor pensa. A propósito, em que dia é que estamos?»

Ele estava a ficar mais comunicativo, no momento em que acabava de esvaziar o terceiro copo.

«Estamos a 29 de Maio» respondi-lhe.

«De que ano?»

«De 1903! Ora essa!»

«Já estava à espera disso. Eu já sabia.» Agora, falava como se estivesse a jogar à defesa. «1903... Claro! O início de um século esplendoroso... Até talvez seja o último século do mundo.»

Vindas de outro homem, eu até teria interpretado aquelas divagações desconexas como sendo as manifestações tresloucadas de um opiómano, mas, vindas dele, pareceram-me estranhamente convincentes. Decidi que tinha chegado o momento de me apresentar, e assim fiz.

Ele escolheu uma forma bastante peculiar de responder à minha apresentação. Levantou-se e disse: «Sou o Capitão Oswald Bastable, falecido da 53.^a de Lanceiros.» E depois sorriu, perante essa piada pessoal, indo sentar-se numa poltrona que estava junto da janela.

Mais tarde, enquanto eu ainda estava a tentar recompor-me, ele voltou a cabeça e olhou para mim, com um ar divertido. «Peço-lhe desculpa, mas compreenda que não me sinto com a mínima disposição para tentar disfarçar a minha loucura. O senhor é muito amável.» E levantou o copo, fazendo um brinde. «Agradeço-lhe. Devo tentar recordar-me dos meus bons modos. Em tempos, tive-os, sabia? Tratava-se de um requintado conjunto de boas maneiras. E atrevo-me a dizer que não havia ninguém que as batesse. Mas posso apresentar-me de diversas formas... E se eu lhe dissesse que o meu nome é Oswald Bastable, piloto de dirigíveis?...»

«Pilota balões?!»

«Em tempos pilotei *dirigíveis*, meu caro. Aparelhos com trezentos e sessenta e cinco metros de comprimento, que viajam *a velocidades superiores a cento e sessenta quilómetros/hora!* Está a perceber?... Eu sou doido!»

«Bom, eu diria que, no mínimo, o senhor era engenhoso. E onde é que pilotava os dirigíveis?»

«Oh, em vários locais do mundo.»

«Devo estar completamente desatualizado. Eu já sabia que estava a receber as notícias um tanto ou quanto atrasadas, mas acho que nunca ouvi falar de tais dirigíveis. Quando é que pilotou um desses aparelhos?»

Os olhos carregados de ópio de Bastable olharam para mim de uma forma tão fixa que senti um arrepio.

«Quer realmente saber o que se passou?» perguntou ele, com uma voz fria e num tom grave.

Senti a boca a ficar seca, e pensei se ele estaria prestes a tornar-se violento. Dirigi-me para junto da corda da sineta. Mas ele sabia o que se passava na minha mente, porque voltou a rir-se e abanou a cabeça. «Eu não vou atacá-lo, meu caro. Mas já está a perceber porque é que eu fumo ópio, porque é que eu sei que sou louco? Quem, senão um louco, reivindicaria ter voado pelos céus a velocidades superiores à do mais rápido dos transatlânticos dos oceanos? Quem, senão um louco, reivindicaria ter levado a cabo tal proeza no ano de 1973 d.C., quase três quartos de século no futuro?»

«O senhor acha que fez isso, e que ninguém vai querer escutá-lo? É isso o que o torna tão amargo?»

«Isso? Não! Por que razão haveria de ser? É o pensamento da minha própria loucura que me atormenta. Eu deveria estar morto e isso seria justo. Mas, ao contrário, estou meio vivo, e é com dificuldade que consigo distinguir os sonhos uns dos outros, e uma realidade de uma outra.»

Retirei-lhe o copo da mão e voltei a encher-lho. Depois, disse-lhe: «Escute... Se me quiser fazer um favor, eu concordo em ouvir tudo o que tiver para contar. De qualquer forma, não tenho muito mais que fazer.»

«E o que é que quer que eu lhe faça?»

«Quero que coma alguma coisa e que se afaste do ópio por uns tempos... Pelo menos, até ser visto por um médico. Depois, quero que concorde em ficar aos meus cuidados, e até talvez em regressar comigo a Inglaterra, quando eu voltar. Fará isso?»

«Talvez.» Ele encolheu os ombros. «Mas esta minha disposição poderá vir a desaparecer, estou já a avisá-lo... Nunca tive tendência a falar com quem quer que fosse acerca... Acerca dos dirigíveis, e de tudo o resto. Todavia, talvez a História possa ser modificável...»

«Não estou a perceber o que quer dizer...»

«Se eu lhe contasse o que sei, o que me aconteceu, o que eu vi, talvez fizesse alguma diferença. Se o senhor concordasse em escrever tudo, e em publicar o meu relato, caso conseguisse, aquando do seu regresso...»

«Aquando do *nosso* regresso!» disse eu, com firmeza.

«Como queira.» A sua expressão alterou-se, ficando mais sinistra, como se a decisão por ele tomada tivesse um qualquer significado que eu não compreendia.

O almoço foi trazido e ele comeu alguma da galinha fria com salada. A refeição pareceu estar do seu agrado, pois pareceu ter-se tornado mais coerente.

«Vou tentar começar pelo princípio» disse ele. «E continuar, até chegar ao fim... Contando-lhe tudo, tal como aconteceu.»

Eu tinha um enorme bloco de notas e vários lápis junto de mim. No início da minha carreira, costumava ganhar a vida como jornalista do parlamento, e os conhecimentos de estenografia que então adquirira foram-me bastante úteis à medida que Bastable começou a falar.

Contou-me a sua história ao longo dos três dias que se seguiram, e durante todo esse período de tempo, mal saímos do quarto, e dificilmente dormimos. Por vezes, Bastable restabelecia as energias recorrendo a uns comprimidos que tinha em sua posse, os quais me jurou não serem de ópio, mas eu não precisava de qualquer outro estimulante para além da sua própria história. A atmosfera daquele quarto de hotel tornava-se cada vez mais irreal à medida que o relato se ia desenvolvendo. Comecei por pensar que estava a ouvir os fantásticos delírios de um louco, mas acabei por acreditar, sem qualquer sombra de dúvida, que tinha ouvido a verdade ou, pelo menos, *uma* verdade possível. Cabe-lhe a si decidir se o que aqui se segue se trata de ficção ou não. Apenas lhe posso garantir que Bastable disse não se tratar de ficção, e eu acredito, profundamente, que ele tinha razão.

*Michael Moorcock
Three Chimneys
Mitcham, Surrey
Outubro de 1904*



O Templo de Teku Benga

Não sei se já alguma vez foi ao nordeste da Índia, começou Bastable, mas, se já lá esteve, saberá o que quero dizer quando afirmo que é o local de encontro de mundos, antigos e incrivelmente remotos. No local onde a Índia, o Nepal, o Tibete e o Butão se unem a cerca de trezentos e vinte quilómetros a norte de Darjeeling e a cento e sessenta a oeste do Monte Kinchunmaja, encontrará Kumbalari: um Estado que reclama ser mais antigo do que o Tempo. É aquilo a que eles chamam «Teocracia», dominado pelos padres até ao extremo, repleto de superstições obscuras e mitos ainda mais negros, assim como lendas, onde todos os deuses e demónios são louvados, para que não restem dúvidas de que nos encontramos no bom caminho. As pessoas são cruéis, ignorantes, porcas e orgulhosas, olhando para todas as outras raças de cima para baixo. Ofendem-se com a proximidade da presença britânica no seu território, e, ao longo dos últimos duzentos anos, tivemos uma ou duas complicações com eles, mas nunca foi nada de grave. Eles não querem ir além das suas fronteiras, felizmente, e a sua população é mantida num certo nível de humildade, graças às variadíssimas práticas bárbaras que impõem a si próprios. Por vezes, tal como aconteceu nessa altura, aparece um chefe religioso vindo do nada e convence-os de que precisam de uma espécie de *jihad* contra os britânicos, ou contra pessoas protegidas pelos britânicos. Diz-lhes também que são impenetráveis pelas nossas balas, e por aí adiante... Então, temos que aparecer e dar-lhes uma lição. Não são levados muito a sério pelo Exército, e essa foi, sem dúvida alguma, a razão porque me atribuíram o comando da expedição, que, em 1902, partiu com rumo aos Himalaias e a Kumbalari.

Foi a primeira vez que eu comandeí tantos homens, e senti seriamente o peso da responsabilidade em cima dos meus ombros. Tinha um esquadrão com cento e cinquenta sowars, provenientes dos impressionantes Lanceiros Punjabis, para além de duzentos ferozes e leais sipaios da 9.^a Infantaria Ghoorka. Sentia-me imensamente orgulhoso do meu exército, e pensei que, se fosse necessário, poderia conquistar a cidade inteira de Bengala. Eu era, obviamente, o único oficial branco, mas estava perfeitamente à vontade para admitir que os oficiais nativos eram homens com

muito mais experiência do que eu, e, sempre que possível, confiava nos conselhos que me davam.

Tinha ordens para fazer uma demonstração de forças e, caso conseguisse, para evitar uma contenda. Apenas queríamos dar aos tipos uma ideia do que teriam que enfrentar se os começássemos a levar a sério. O último chefe deles, um velho fanático, que dava pelo nome de Sharan Kang, era também o rei, arcebispo e comandante supremo, tudo junto num só homem. Sharan Kang já tinha incendiado um dos nossos postos fronteiriços, e tinha liquidado uns quantos destacamentos da Polícia Nativa. Todavia, não estávamos interessados em levar a cabo uma vingança, mas sim em garantirmos que o sucedido não se iria voltar a repetir.

Possuíamos mapas relativamente bons, e uns quantos guias dignos de confiança, parentes afastados dos ghoorkas. Calculámos que nos levaria pouco mais de dois ou três dias para chegarmos a Teku Benga, que era a capital de Sharan Kang, e que ficava no cimo das montanhas, a qual poderia apenas ser alcançada através de vários desfiladeiros e passagens estreitas. Uma vez que nos encontrávamos numa missão mais diplomática do que militar, fizemos grande questão em mostrarmos uma bandeira branca ao atravessarmos as fronteiras para o Kumbalari, cujas montanhas ermas e listradas de neve pareciam elevar-se sobre nós de todos os lados.

Não foi muito tempo antes de termos avistado, pela primeira vez, alguns kumbalaris. Estavam sentados em cima de póneis, que, à semelhança de cabras, se encontravam no topo de saliências elevadas da montanha: estavam aninhados, guerreiros de pele amarela, todos envoltos em couro, peles de ovelhas e armaduras pintadas; os seus olhos rasgados brilhavam de ódio e de desconfiança. Se não eram os descendentes de Átila, o Huno, então, deveriam ser os descendentes de um povo guerreiro ainda mais antigo, que havia lutado naquelas encostas e desfiladeiros há mil ou dois mil anos, antes de o Flagelo de Deus ter conduzido as hordas para oriente e ocidente, a fim de pilharem três quartos do mundo que conhecemos. À semelhança dos seus antepassados, também estes estavam armados com arcos, lanças e cimitarras, mas, para além disso, também possuíam algumas carabinas, muito provavelmente de origem russa.

Fingindo ignorar aqueles cavaleiros que se encontravam de vigia, conduzi os meus soldados pelo vale acima. Senti-me momentaneamente surpreendido ao ouvir alguns tiros disparados do alto, que ecoaram várias vezes através das montanhas, mas os nossos guias garantiram-me que se tratava apenas de sinais, com o objectivo de anunciarem a nossa chegada a Kumbalari.

Avançávamos muito devagar, pois o caminho por entre o solo rochoso era relativamente penoso, e, por vezes, éramos obrigados a desmontar e

conduzir os cavalos pelas rédeas. À medida que íamos subindo de altitude, o ar tornava-se cada vez mais frio, e ficámos contentes com o chegar da noite, para podermos acampar, acender fogueiras para nos aquecermos e verificar os mapas, para vermos a distância que ainda teríamos que percorrer.

Os comandantes da Cavalaria e da Infantaria eram, respectivamente, Risaldar Jenab Shah e Subadar J. K. Bisht, ambos veteranos de muitas expedições semelhantes àquela. Mas, apesar de toda a experiência que possuíam, denotavam estar mais desconfiados dos kumbalaris do que habitualmente, e Subadar Bisht aconselhou-me a reforçar a guarda do acampamento, conselho esse que eu segui.

Subadar Bisht estava preocupado com o que ele costumava chamar de «o cheiro do vento». Ele sabia alguma coisa acerca dos kumbalaris, e quando falava deles, eu conseguia vislumbrar um brilho no seu olhar que, não fora ele reflectido pelos olhos de um ghoorka, eu teria pensado tratar-se de medo. «Esta gente é toda uma cambada de matreiros e de traiçoeiros, senhor» disse-me ele, quando estávamos a comer na minha tenda, juntamente com Jenab Shah, que parecia um gigante sentado ao nosso lado. «Eles são os herdeiros de um mal antigo... Um mal que já existia antes de o mundo ter sido criado. Na nossa língua, Kumbalari significa “O Reino do Diabo”. Não espere que eles honrem a nossa bandeira branca. Apenas a respeitarão enquanto isso lhes convier.»

«Acho justo» disse eu. «Mas, permita-me o atrevimento, tenho a certeza de que respeitarão o número das nossas tropas, assim como as nossas armas.»

«Talvez...» Subadar Bisht parecia hesitante. «A não ser que Sharan Kang os tenha convencido de que estão protegidos contra nós pela magia dele. Ele é conhecido por atrair o poder de deuses abomináveis e por ter diabos às suas ordens.»

«Normalmente, as armas modernas sempre se mostraram superiores perante o mais poderoso dos diabos, Subadar Bisht» realcei eu.

O ghoorka tinha um ar sério. «Normalmente, sim, Capitão Bastable. Mas aí é que se encontra a astúcia deles. Podem tentar quebrar a nossa coluna, recorrendo a várias artimanhas, por forma a poderem atacar-nos separadamente, aumentando assim as probabilidades de serem bem sucedidos.»

Concordei com ele. «Estaremos certamente precavidos contra esse tipo de táctica. Mas acho que não temo a magia deles.»

Risaldar Jenab Shah falou ponderadamente, com a sua voz profunda e ressonante: «Não se trata daquilo que *nós* possamos ou não temer; mas sim daquilo em que *eles* possam acreditar.» Afagou a barba preta e reluzente. «Eu concordo com Subadar. Temos que compreender que estamos a

lidar com homens que são loucos... Fanáticos e destemidos, que não atribuem qualquer valor à sua própria vida.»

«Os kumbalaris detestam-nos com todas as suas forças» acrescentou Subadar Bisht. «Eles querem defrontar-nos. Mas ainda não nos atacaram. E é isso que eu acho suspeito. Poderá ser, senhor, justificado pelo facto de eles nos estarem a empurrar para uma armadilha?...»

«Provavelmente» respondi eu. «Mas, uma vez mais, Subadar Bisht, eles podem estar simplesmente com medo de nós... Com medo do poder da soberania britânica, que enviará outros soldados para os punirem de uma forma muito mais severa, caso nos aconteça alguma coisa.»

«Mas, se eles estiverem convencidos de que esse castigo nunca chegará... Se Sharan Kang os convenceu disso... Então, esse é um trunfo que não irá estar do nosso lado.» Jenab Shah esboçou um sorriso sinistro. «E nós morreremos todos, Capitão Bastable.»

«Se ficássemos aqui» sugeriu Subadar Bisht, «e os deixássemos aproximarem-se de nós, por forma a podermos ouvir as suas palavras e ver os rostos deles, seria mais fácil para nós decidirmos o que fazer a seguir.»

Concordei com a lógica dele. «As nossas provisões darão para dois dias» disse eu. «Iremos ficar aqui acampados durante esse tempo. Se, entretanto, eles não vierem ao nosso encontro, continuaremos a nossa marcha com destino a Teku Benga.»

Os dois oficiais ficaram satisfeitos. Acabámos a refeição e depois recolhemos às respectivas tendas.

E, assim, ficámos à espera.

No primeiro dia, avistámos alguns cavaleiros junto à curva do desfiladeiro, e preparámo-nos para os receber. Mas limitaram-se a observar-nos durante algumas horas, antes de voltarem a desaparecer. À noite, a tensão começou a fazer-se sentir no acampamento.

Ao segundo dia, um dos nossos batedores chegou com notícia de que avistara para cima de cem kumbalaris, reunidos na extremidade mais afastada do desfiladeiro, e que estavam a cavalgar na nossa direcção. Assumimos uma posição defensiva e continuámos à espera. Quando apareceram, vinham a cavalgar lentamente, e através do meu óculo vi vários estandartes, minuciosamente trabalhados e feitos com crinas de cavalos. Atada a um deles via-se uma bandeira branca. Os porta-estandartes cavalgavam de ambos os lados de uma liteira vermelha e dourada, suspensa entre dois póneis. Ao recordar as palavras prudentes de Subadar Bisht, dei ordem para que a nossa cavalaria montasse. Dificilmente existe uma imagem mais impressionante do que a visão de cento e cinquenta lanceiros punjabis com as suas lanças em sinal de saudação. Risaldar Jenab Shah encontrava-se ao meu

lado. Passei-lhe o meu óculo. Pegou nele e ficou a observar durante alguns instantes. Quando o baixou, estava a franzir as sobrancelhas. «Parece que Sharan Kang veio com eles» disse Jenab. «Encontra-se no interior da liteira. Talvez se trate mesmo de uma conferência de negociações. Mas para que são precisos tantos homens?»

«Pode tratar-se de uma demonstração de força» disse eu. «Mas ele também deve ter mais de cem guerreiros...»

«Depende de quantos já morreram, por questões de índole religiosa» disse sombriamente Jenab Shah. Depois, deu meia volta em cima da sela. «Ei-los, Subadar Bisht. O que é que achas de tudo isto?»

O oficial ghoorka respondeu: «Se tencionassem atacar, Sharan Kang não seguiria à frente deles. Os reis-sacerdotes de Kumbalari não combatem juntamente com os seus guerreiros.» Ele falou com um certo desdém. «Mas volto a avisá-lo, senhor, pode tratar-se de uma armadilha.»

Eu anuí.

Tanto os sowars punjabis como os sipaios ghoorkas estavam desejosos de lutar com os kumbalaris. «É melhor lembrarem aos vossos homens que estamos aqui para discutir a paz» disse eu. «E não para combater.»

«Eles não lutarão» respondeu Jenab Shah, com confiança. «Enquanto não tiverem ordens para o fazer. Nessa altura, eles *lutarão*.»

A massa dos cavaleiros kumbalaris aproximou-se um pouco mais e depois fez alto, a umas dezenas de metros das nossas linhas de defesa. Os porta-estandartes saíram da formação e, escoltando a liteira, vieram ao meu encontro, onde eu me encontrava montado no cavalo, à frente dos meus homens.

A liteira vermelha e dourada estava tapada por cortinas. Olhei com um ar inquisidor para os rostos impassíveis dos porta-estandartes, mas não me disseram nada. E depois, por fim, a cortina dianteira foi afastada, e eu fiquei, subitamente, a olhar para o Alto Clérigo de frente. Estava vestido com roupagens intrincadas de tecido brocado, cosido com dúzias de pequenas lantejoulas. Na cabeça, trazia um chapéu alto de pele pintada, embutido a ouro e marfim. E por baixo da pala do chapéu podia ver-se o seu rosto velho e encarquilhado, o rosto de um diabo particularmente malicioso.

«Saudações, Sharan Kang» disse-lhe eu. «Estamos aqui a mando do grande Rei-Imperador da Bretanha. Viemos perguntar-vos porque é que atacas as suas casas e matas os seus servos, quando ele não vos declarou qualquer hostilidade.»

Um dos guias começou a fazer de intérprete, mas Sharan Kang acenou impacientemente com a mão. «Sharan Kang fala inglês» disse ele, numa voz estranha e aguda. «Tal como fala *todas* as línguas. Pois todas as línguas são oriundas da língua dos kumbalaris, a primeira, e a mais antiga de todas.»

Devo admitir que senti um estremeamento a percorrer-me à medida que ele falava. Quase consegui acreditar que ele era o poderoso feiticeiro que todos diziam ser.

«Um povo tão antigo deve, por esse mesmo motivo, ser um povo igualmente sensato.» Tentei devolver o mesmo olhar fixo àqueles olhos cruéis e inteligentes. «E um povo sensato não desejaria enfurecer o Rei-Imperador.»

«Um povo sensato sabe que tem que se proteger contra o lobo» disse Sharan Kang, com um sorriso desmaiado a aflorar-lhe os lábios. «E o lobo britânico é uma fera particularmente predatória, Capitão Bastable. Alimentou-se muito bem nas terras a sul e a ocidente, não é verdade? E, em breve, irá voltar o seu olhar na direcção de Kumbalari...»

«Aquilo que o senhor, erroneamente, pensa ser um lobo é, na realidade, um leão» respondi eu, tentando não demonstrar ter ficado impressionado com o facto de ele saber o meu nome. «Um leão que traz a paz, a segurança e a justiça para todos aqueles que decide proteger. Um leão consciente de que Kumbalari não precisa da sua protecção.»

A conversa continuou neste estilo rebuscado durante algum tempo, até que, repentinamente, Sharan Kang ficou visivelmente mais impaciente e disse:

«Porque é que vieram tantos soldados até à nossa terra?»

«Porque vocês atacaram o nosso posto fronteiriço e mataram os nossos homens» respondi-lhe.

«E isso aconteceu porque vocês colocaram o vosso “posto fronteiriço” dentro das nossas fronteiras.» Sharan Kang fez um gesto estranho no ar com a mão. «Nós não somos um povo ganancioso. E não sentimos necessidade de o ser. Não sentimos um desejo ardente em possuir mais terras, como os ocidentais, uma vez que sabemos que a terra não é importante quando a alma de um homem é capaz de alcançar o Universo. Vocês podem vir até Teku Benga, onde todos os deuses presidem, e aí, eu dir-vos-ei o que poderão dizer a esse leão bárbaro e arrogante, que se autodignifica com grandiosos títulos.»

«Está disposto a negociar um pacto?»

«Sim... Em Teku Benga, se aí se dirigirem com um máximo de seis homens.» Fez novamente um gesto com a mão, deixou cair a cortina, e a liteira deu meia volta. Os cavaleiros começaram a cavalgar, regressando pelo vale acima.

«Isto é uma artimanha, senhor!» observou imediatamente Bisht. «Ele está à espera de, ao separar-vos de nós, conseguir cortar a frente do nosso exército, e dessa forma tornar-se mais fácil para eles atacarem-nos.»

«Até pode estar certo, Subadar Bisht, mas sabe muito bem que tal

truque nunca iria funcionar. Os ghoorkas não têm receio algum de lutar.» Olhei para trás, em direcção aos sipaios. «Na verdade, neste momento, eles parecem mais do que preparados para entrarem em combate.»

«Não nos preocupamos minimamente com a morte, senhor. . . Desde que se trate de uma batalha puramente mortal. Mas acontece que não é a perspectiva de uma batalha que me preocupa. No fundo das minhas entranhas, sinto que algo de muito pior poderá vir a acontecer. Eu conheço os kumbalaris. São um povo terrivelmente cruel. Estou a pensar no que lhe poderá acontecer em Teku Benga, Capitão Bastable.»

Pousei uma mão afectuosa no ombro do meu Subadar. «Sinto-me honrado por sentir isso por mim, Subadar Bisht. Mas é meu dever ir até Teku Benga. Tenho as minhas ordens. Devo resolver este assunto de uma forma pacífica, caso seja possível, de algum modo, fazê-lo.»

«Mas, se não regressar de Teku Benga daqui a um dia, avançaremos em direcção à cidade, senhor. E então, se não tivermos provas evidentes de que se encontra vivo e de perfeita saúde, atacaremos Teku Benga.»

«Não há nada de errado com esse plano» acabei por concordar.

E assim, juntamente com Risaldar Jenab Shah e cinco dos seus sowars, cavalguei na manhã seguinte em direcção a Teku Benga, e vi, finalmente, a cidade murada pela montanha, na qual nenhum forasteiro havia entrado há cem anos. Era evidente que desconfiava de Sharan Kang. Era evidente que me perguntava porque é que, passados mil anos, ele estava disposto a permitir que estranhos profanassem a cidade santa com a sua presença. Mas, que poderia eu fazer? Se ele tinha dito que estava disposto a negociar um pacto, então, eu sentia-me na obrigação de acreditar nele.

Eu tinha dificuldade em conseguir imaginar como é que uma cidade como aquela, erguendo-se assim das rochas escarpadas dos Himalaias, havia sido construída. Os seus prodigiosos pináculos e cúpulas desafiavam as próprias leis da gravidade. As muralhas encurvadas seguiam a linha das encostas da montanha, e muitos dos edifícios davam a ideia de terem sido puxados para cima e empoleirados delicadamente em fragmentos de rocha, os quais pareciam dificilmente conseguir suportar o peso de um homem. A maioria dos telhados e das paredes encontravam-se decorados com esculturas intrincadas, testemunhas de uma execução infinitamente delicada, que estavam engastadas com jóias, metais preciosos, madeiras exóticas, jade e marfim. Havia florões retorcidos sobre si próprios, que se voltavam a retorcer. Animais monstruosos, colocados em vários pontos das muralhas, lançavam um olhar fixo e feroz para o espaço abaixo deles. Toda a cidade cintilava sob a luz fria, e parecia, efectivamente, ser mais antiga do que qualquer arquitectura que eu alguma vez conhecesse. Não obstante, e por

toda a sua magnificência e idade, Teku Benga impressionou-me como se fosse uma espécie de local deprimente, como se já tivesse visto melhores dias. Talvez não tivessem sido os kumbalaris a construí-la. Talvez a raça que a construíra tivesse desaparecido misteriosamente, tal como já acontecera noutros lugares, e então, os kumbalaris ter-se-iam limitado a ocupá-la.

«Baah! Que fedor!» Com o lenço colado ao nariz, Risaldar Jenab Shah chicoteava o cavalo com desdém. «Eles devem guardar as cabras e as ovelhas dentro dos templos e dos palácios.»



Teku Benga tinha o cheiro do curral de uma quinta que já não era limpo há muito tempo, e o cheiro aumentou de intensidade quando entrámos pelo portão principal, sempre debaixo do olhar dos guardas carrancudos. Os nossos cavalos cavalgavam por ruas irregularmente pavimentadas, cheias de excrementos de animais e outros tipos de lixo. Nessas ruas não se avistava uma única mulher. Tudo o que vimos foram algumas crianças do sexo masculino, e um determinado número de guerreiros sem terem nada que fazer, com uma despreocupação aparente, junto dos respectivos pôneis. Continuámos a avançar pela rua principal que tinha uma inclinação a pique e era apenas ladeada por templos, em direcção a uma enorme praça, situada no que eu julguei ser o centro da cidade. Os templos eram impressionantemente feios, possuindo um estilo que um estudioso poderia ter apelidado de barroco oriental decadente. Cada centímetro dos edifícios encontrava-se decorado com representações de deuses e de demónios, oriundos de praticamente cada uma das mitologias do Oriente. Havia misturas de decorações hindus, budistas, muçulmanas e algumas cristãs, daquilo que eu pensei serem representações egípcias, fenícias, persas, gregas, e outras que ainda pareciam ser mais antigas; mas nenhuma dessas combinações era, de forma alguma, agradável à vista. Pelo menos, fiquei a compreender por que motivo chamavam àquele sítio o Lugar Onde Todos os Deuses Presidem apesar de eles presidirem, ao que me pareceu, numa justaposição um tanto ou quanto desconfortável em relação uns aos outros.

«Este é, claramente, um lugar mórbido» disse Jenab Shah. «Ficarei felicíssimo quando sair daqui para fora. Não gostaria mesmo nada de morrer neste sítio, Capitão Bastable. Acho que teria um enorme receio do que poderia vir a acontecer à minha alma.»

«Estou a perceber o que quer dizer com isso. Esperemos que Sharan Kang cumpra a sua palavra.»

«Não estou certo de o ter ouvido dar a sua palavra, senhor» disse-me Risaldar, muito convictamente, enquanto chegávamos à praça e refreávamos os nossos cavalos. Tínhamos acabado de alcançar um enorme edifício ornamentado, muito maior do que os outros, mas com a mesma mistura de estilos doentia: cúpulas; minaretes; campanários em espiral; paredes com gelosias; telhados com terraços semelhantes a pagodes; pilares esculpidos; florões em forma de serpente; monstros fabulosos a rosnarem, ou sorrindo, enquanto mostravam os dentes, em cada esquina; e tigres e elefantes a guardarem a entrada de cada porta. O edifício estava predominantemente pintado de verde e de cor de açafão, mas também possuía tons dourados, vermelhos, azuis, e cor-de-laranja, e alguns dos telhados encontravam-se revestidos com folhas de ouro ou de prata. Parecia ser o templo mais antigo de todos. Por detrás de tudo isso, encontrava-se o céu azul himalaico, do qual irrompiam nuvens cinzentas e brancas. Era uma visão que não se poderia comparar com qualquer outra que eu já tivesse previamente experimentado. Senti-me invadido por uma sensação de profundo agouro, como se estivesse na presença de algo que não tinha, seguramente, sido construído por mãos humanas.

Lentamente, e de cada uma das várias portas aí existentes, começaram a emergir sacerdotes com mantos cor de açafão, que ficaram de pé, como que petrificados, a observarem-nos a partir dos degraus e dos corredores do edifício, que parecia ser um templo, ou um palácio, ou até mesmo ambos, não me conseguia decidir.

Esses sacerdotes pareciam ligeiramente diferentes dos guerreiros que anteriormente tínhamos avistado, mas não estavam, seguramente, mais limpos do que aqueles. Ocorreu-me que se os kumbalaris desdenhavam a terra, então, ainda sentiriam uma maior aversão pela água. Partilhei este comentário com Risaldar Jenab Shah, que inclinou a enorme cabeça coberta pelo turbante para trás e começou a rir-se com uma grande satisfação; uma atitude que fez com que os sacerdotes franzissem o sobrolho e nos olhassem com um certo ódio e repugnância. Esses sacerdotes não tinham a cabeça rapada, como a maioria dos sacerdotes que usavam as vestes cor de açafão. Antes pelo contrário, tinham cabelos compridos, que lhes caíam pelos rostos, em várias tranças oleosas, e a todos da mesma maneira. For-

mavam um grupo sinistro e repugnante. Muitos deles possuíam cintos, ou faixas, nos quais estavam presas espadas embainhadas.

Ficámos à espera, enquanto eles nos observavam. Retribuímos-lhes o mesmo olhar fixo, tentando parecer menos preocupados do que na realidade nos sentíamos. Os nossos cavalos mexiam-se desconfortavelmente sob o nosso peso, ao mesmo tempo que sacudiam as crinas e resfolegavam, como se o mau cheiro da cidade fosse insuportável, mesmo para eles.

Então, por fim, transportada por quatro sacerdotes, apareceu a liteira dourada, saindo pelo que em tempos devia ter sido a entrada principal do templo. As cortinas estavam afastadas, e em cima da mesma estava sentado Sharan Kang.

Ele estava a sorrir, mostrando os dentes.

«Estou aqui, Sharan Kang» comecei eu, «para ouvir tudo o que tiver para me contar acerca dos vossos assaltos aos nossos postos fronteiriços, e para discutir os termos de um acordo que nos permita a todos viver em paz.»

O sorriso de Sharan Kang não esmoreceu, mas receio que o mesmo não tenha acontecido com o tom da minha voz, enquanto olhava fixamente para aquele rosto enrugado e perverso. Nunca antes havia sentido, de uma forma tão convicta, estar perante o puro Mal, mas foi o que senti naquele momento.

Passados alguns segundos, ele falou: «Ouço as suas palavras e devo tê-las em consideração. Entretanto, serão meus convidados» fez um gesto na direcção das suas costas, «aqui, no Templo do Futuro Buda, que também é o meu palácio. O mais antigo de todos estes edifícios anciães.»

Com algum nervosismo, acabámos por desmontar. Os quatro sacerdotes pegaram na liteira de Sharan Kang e voltaram a levá-la para o interior. Seguimo-los. No interior, sentia-se um cheiro pesado a incenso, e o local encontrava-se mal iluminado por queimadores crepitantes de óleo flamejante, que estavam suspensos por correntes e presos ao tecto. Não obstante, ali não se viam quaisquer representações do Buda, e supus que se devia ao facto de o «Futuro Buda» ainda não ter nascido. Seguimos a liteira através de um conjunto de corredores, tão complicado que mais parecia um labirinto, até que acabámos por chegar a uma câmara mais pequena, onde havia sido disposta comida em cima de uma mesa baixa, rodeada por almofadas. Nessa altura, a liteira foi pousada e os sacerdotes que a transportavam retiraram-se, aparentemente para nos deixarem ficar a sós com Sharan Kang. Ele fez-nos um gesto, para que nos sentássemos nas almofadas, e assim fizemos.

«Devem comer e beber» entoou Sharan Kang. «E depois disso, sentir-nos-emos todos mais à vontade para conversar.»

Depois de termos lavado as mãos nas bacias de prata com água tépida, e de as termos limpado nas toalhas de seda, dirigimo-nos, não sem alguma relutância, para o local onde se encontrava a comida. Sharan Kang serviu-se dos mesmos pratos que nós e começou a comer com vontade, um gesto que nos deixou mais descansados. Quando provámos a comida, ficámos contentes por não parecer estar envenenada, uma vez que sabia deliciosamente bem.

Elogiei, com toda a sinceridade, o Alto Clérigo pela sua hospitalidade, e ele aceitou o cumprimento graciosamente. Começava a parecer uma figura muito menos sinistra. De facto, eu estava quase a começar a gostar dele.

«Não é usual» disse eu, «ver-se um templo que seja, ao mesmo tempo, um palácio e que também possua um nome tão estranho.»

«Os Altos Clérigos de Kumbalari» disse Sharan Kang, «também são deuses, e por isso devem viver num templo. E, uma vez que o Futuro Buda ainda não chegou para ocupar a sua residência, que outro lugar melhor haveria se não este templo?...»

«Eles já devem estar há muito tempo à espera da sua chegada. Que idade tem este edifício?»

«Algumas divisões têm pouco mais de mil e quinhentos, ou dois mil anos. Mas existem outras que talvez tenham três, ou cinco mil anos. As primeiras a terem sido construídas têm muito mais anos do que isso.»

Não acreditei no que ele me disse, obviamente, mas aceitei-o como sendo um típico exagero oriental. «E durante todo esse tempo, os kumbalaris viveram sempre aqui?» perguntei, educadamente.

«Eles já aqui vivem há muito, muito tempo. E, antes disso, existiam ainda... outros seres...»

Uma expressão, quase de terror, apossou-se do seu olhar, mas apressou-se a sorrir. «A comida está do vosso agrado?»

«Está bastante suculenta» respondi eu. Senti uma sensação de afecto em relação a ele, tal como poderia ter sentido, enquanto criança, em relação a um tio bondoso. Olhei para os outros. E foi então que comecei a desconfiar, pois todos eles tinham sorrisos largos e apáticos estampados nos rostos, que lhes deixavam os dentes à mostra. Nessa altura, comecei a sentir-me sonolento. Abanei a cabeça, tentando clarificar as ideias, e depois levantei-me de uma forma vacilante. Sacudi o ombro de Risaldar Jenab Shah. «Está a sentir-se bem, Risaldar?»

Ele olhou-me de baixo para cima e riu-se. Depois, anuiu, mostrando um ar sério, como se eu tivesse feito uma qualquer afirmação judiciosa.

Naquele momento, compreendi porque é que me tinha sentido tão bem-disposto em relação ao velho e matreiro Alto Clérigo.

«Você drogou-nos, Sharan Kang! Porquê? Julga que quaisquer con-

cessões que lhe possamos fazer, no estado em que nos encontramos, serão honradas mais tarde, quando nos apercebermos do que nos fez? Ou será que está a planear hipnotizar-nos, para nos fazer dar ordens aos nossos homens a fim de caírem numa armadilha?»

Os olhos de Sharan Kang revelavam uma expressão severa. «Sente-se, capitão. Eu não vos droguei. Bem viu que comi a mesma comida que vós... Acha que estou drogado?»

«Provavelmente...» Cambaleei, e tive que esforçar as minhas pernas para me aguentar de pé. A sala começou a andar à roda. «Se já estiver acostumado com a droga, e nós não. Do que é que se trata? Ópio?»

Sharan Kang começou a rir-se. «Ópio! Ópio! Por que motivo deveria tratar-se de ópio, Capitão Bastable? Se está a sentir-se sonolento é apenas porque comeu demasiado da esplêndida comida de Kumbalari. Ultimamente, tem estado a viver apenas com a singela dieta de um soldado. Porque não vai dormir um pouco e...»

Tinha a boca seca e os olhos lacrimejavam-me. Sharan Kang, enquanto murmurava suavemente, parecia estar a oscilar na minha frente, como uma cobra prestes a atacar. Ao mesmo tempo que começava a praguejar, abri o coldre e retirei o revólver.

Apareceu imediatamente uma dúzia de sacerdotes, todos com as espadas curvas desembainhadas. Tentei apontar na direcção de Sharan Kang.

«Se derem mais um passo, ele morre» disse eu, com uma voz espessa.

Não estava certo de que eles tivessem compreendido as minhas palavras, mas vi que tinham percebido a minha intenção.

«Sharan Kang...» A minha própria voz parecia chegar-me de uma longínqua distância. «Os meus homens vão continuar a marchar para Teku Benga amanhã. Se eu não comparecer junto deles, vivo e de perfeita saúde, eles atacarão a sua cidade e destruí-la-ão, assim como todos os que nela viverem.»

Sharan Kang limitou-se a sorrir. «Claro que vai estar vivo e de perfeita saúde, capitão. Além do mais, vai ver as coisas numa perspectiva muito melhor, tenho a certeza disso.»

«Meu Deus! Não vai conseguir hipnotizar-me! Sou um oficial inglês... E não um dos seus ignorantes seguidores!»

«Por favor, capitão, descanse. Pela manhã...»

Pelo canto do olho, apercebi-me de um movimento. Dois sacerdotes precipitavam-se na minha direcção, pelas costas. Voltei-me e disparei. Um deles caiu. O outro agarrou-me e tentou arrancar-me a arma da mão. Disparei-a e fiz-lhe um enorme buraco. Enquanto soltava um grito, libertou-me o pulso que me estava a segurar e caiu no chão, contorcendo-se. Nesse momento, os punjabis já se encontravam do meu lado, com as pisto-

las em punho, fazendo o melhor que podiam para se ajudarem uns aos outros, pois estavam todos tão drogados quanto eu. Com alguma dificuldade, Jenab Shah disse-me: «Temos que tentar sair e apanhar ar fresco, capitão. Pode ser que nos faça bem. E se formos capazes de alcançar os cavalos, talvez consigamos escapar...»

«Só se fossem loucos é que conseguiriam sair desta sala» disse Sharan Kang. «Mesmo nós, não conhecemos todos os caminhos do labirinto, que é o Templo do Futuro Buda. Há quem diga que algumas partes do mesmo ainda nem sequer existem no nosso tempo...»

«Cale-se!» ordenei eu, voltando a apontar-lhe a pistola. «Não vou continuar a ouvir as suas mentiras.»

Começámos a afastar-nos de Sharan Kang e dos sacerdotes que ainda lhe restavam, sempre com os revólveres prontos a disparar, ao mesmo tempo que procurávamos a entrada pela qual tínhamos ali chegado. Mas todas elas se pareciam umas com as outras. Por fim, escolhemos uma e cambaleámos na sua direcção, acabando por ficar numa escuridão quase total.

Enquanto caminhávamos às cegas, procurando uma porta que nos conduzisse ao exterior, voltei a pensar em quais teriam sido as razões que levaram Sharan Kang a drogar-nos. Todavia, nunca virei a saber quais eram, ao certo, os seus planos.

De repente, um dos nossos homens soltou um grito e disparou na direcção das trevas. De início, não vi nada, a não ser uma parede despida. A seguir, dois ou três sacerdotes começaram a correr na nossa direcção através de um ar rarefeito, aparentemente desarmados mas impervios às balas que eram disparadas contra eles.

«Parem de disparar!» gritei eu, com uma voz áspera, convencido de que se tratava de uma ilusão de óptica. «Sigam-me!» Tropecei por um lanço de escadas abaixo, atravessei um toldo, e dei por mim numa outra sala, onde se via comida exposta mas que não era a mesma câmara onde tínhamos estado anteriormente a comer. Hesitei durante alguns segundos. Estaria já nas garras de um qualquer sonho alimentado pela droga? Atravessei a sala, deitando abaixo um pequeno banco ao passar junto da mesa, e afastei uma série de cortinas de seda, até descobrir uma saída. Com os meus homens atrás de mim, atravessei uma passagem abobadada, batendo dolorosamente com os ombros nas paredes, à medida que serpenteava de um lado para o outro do corredor. Encontrei um novo lanço de escadas. De novo uma sala, quase exactamente idêntica à primeira, onde estava disposta mais comida. Uma outra saída, e de novo um lanço de escadas, que descia. A seguir, outra passagem...

Não sei durante quanto mais continuou aquele tropeçar infrutífero, mas pareceu-me ter sido uma eternidade. Estávamos completamente per-

didados, e o nosso único contentamento era o de que os nossos inimigos pareciam ter desistido de nos perseguirem. Encontrávamo-nos embrenhados numa área não iluminada do Templo do Futuro Buda. Ali, não cheirava a incenso... Apenas se fazia sentir o frio, e o cheiro do ar bafiento. Tudo aquilo em que eu tocava estava frio; cada centímetro das paredes esculpidas na rocha e ornamentadas com jóias em bruto e metais parecia estar coberto por gárgulas. Por vezes, os meus dedos tacteavam partes de algumas esculturas, e depois afastavam-se, com horror, perante a visão por elas evocada.

A droga ainda estava a fazer efeito, mas o exercício estrénuo tinha diminuído parte do seu efeito. A minha mente já estava a começar a ficar mais lúcida quando, por fim, ofegante, fiz uma pausa para tentar rever a nossa posição.

«Penso que nos encontramos numa parte abandonada do templo» disse eu. «E bastante mais abaixo do nível do solo, a julgar por todos aqueles degraus que descemos. Mas pergunto-me por que motivo não nos terão eles seguido... Se esperarmos aqui durante algum tempo, e depois tentarmos regressar pelo mesmo caminho, sem nos fazermos notar, temos uma hipótese de entrarmos em contacto com os nossos homens e de os avisar da traição de Sharan Kang. Tem mais alguma ideia, Risaldar?»

Houve um momento de silêncio.

Espreitei com atenção para o coração das trevas. «Risaldar?...»

Não houve qualquer resposta.

Procurei no meu bolso e retirei uma caixa de fósforos. Acendi um deles.

Tudo o que avistei foram as horríveis esculturas gravadas na rocha infinitamente mais repugnantes do que as que tinha visto nos pisos superiores do edifício. Pareciam ser, simultaneamente, desumanas e incrivelmente antigas. Só então fui capaz de compreender porque é que não tínhamos sido seguidos. Deixei cair o fósforo com um sobressalto. Onde é que estavam os meus homens?

Arrisquei chamá-los mais alto. «Risaldar? Jenab Shah?»

O silêncio persistia.

Encolhi os ombros, enquanto começava a acreditar em tudo o que me tinham contado acerca do poder de Sharan Kang. Dei por mim a tropeçar, a tentar correr, a cair no chão de pedra e a levantar-me... A voltar a correr, e a enlouquecer de terror, até ficar completamente exausto. Então, deixei-me cair em cima do chão mortal do Templo do Futuro Buda.

Devo ter perdido os sentidos durante alguns instantes, e o momento seguinte de que me recordo foi o de ouvir um estranho ruído... Como se fos-

se o som inconfundível e distante de gargalhadas a tilintarem. Seria Sharan Kang? Não.

Estiquei os braços, tentando tocar nas paredes. Encontrei apenas um espaço vazio de ambos os meus lados. Tinha deixado ficar o corredor para trás, acho eu, e havia entrado numa câmara. Senti um calafrio. Ouvi de novo aquelas peculiares gargalhadas a tilintarem.

Então, vi uma ténue luz a brilhar à minha frente. Levantei-me e comecei a caminhar em direcção a ela, mas deveria estar a uma distância muito grande, porque não começava a aumentar de tamanho à medida que eu me ia aproximando dela.

Resolvi parar.

Nessa altura, a luz começou a mover-se na *minha* direcção!

E à medida que se ia aproximando, o som daquelas gargalhadas sobrenaturais ficava cada vez mais alto, até que fui obrigado a colocar a pistola no coldre para poder tapar os ouvidos. A luz aumentava de intensidade. Fechei bem os olhos, apertando-os com toda a força que tinha, por causa das dores que estava a sentir. Por baixo dos meus pés, o chão começou a dançar. Seria um tremor de terra?

Arrisquei-me a abrir os olhos por um breve momento e, por entre a luz branca que me cegava, apercebi-me da imagem de mais esculturas desumanas, ou de estranhas e complicadas coisas, que poderiam muito bem ser máquinas, construídas pelos anciães deuses hindus.

E depois, o chão por baixo dos meus pés pareceu dar de si e comecei a mergulhar para o fundo; fui apanhado por um redemoinho de vento e atirado violentamente para cima; fui sacudido da cabeça aos pés; atirado com brutalidade de um lado para o outro; e arremessado novamente para baixo, até que perdi completamente todos os meus sentidos, à excepção daquela sensação de um frio de rachar, extremamente cortante.

A seguir, não senti mais nada, nem mesmo o frio. Convenci-me de que estava morto, chacinado por uma força que se tinha emboscado por baixo do templo, desde o início dos tempos, e a qual, até mesmo Sharan Kang, o Mestre Feiticeiro de Teku Benga, tivera receio de enfrentar.

Depois, deixei completamente de pensar.



A Sombra Vinda do Céu

A consciência foi a primeira a regressar, tal como uma série de imagens muito vagas: exércitos, compostos por milhares de homens, a marcharem na direcção de uma paisagem formada por árvores cinzentas e brancas; chamas negras a arderem; uma jovem rapariguinha, com um vestido branco e o corpo trespassado por dezenas de flechas compridas. Havia imensas imagens desse género, que, lentamente, se começaram a tornar mais fortes, e as cores estavam a ficar cada vez mais ricas. Comecei, então, a ganhar consciência do meu próprio corpo. Estava mais frio do que o gelo, mais frio ainda do que aquele que anteriormente sentira, antes de ter perdido os sentidos. E, no entanto, por muito estranho que possa parecer, não sentia qualquer desconforto. Não sentia nada... Apenas *sabia* que tinha frio.

Tentei mexer os dedos da mão direita (ainda não conseguia ver nada) e pensei que talvez o dedo indicador se tivesse erguido ligeiramente.

As imagens na minha mente estavam a tornar-se cada vez mais horrendas. Havia cadáveres a povoarem a minha cabeça... Cadáveres brutalmente estropiados. Crianças moribundas estendiam as mãos na minha direcção, a pedirem-me ajuda. Soldados colossais, com uniformes descoloredos, violavam mulheres. E, por todo o lado, viam-se incêndios, fumo negro, edifícios a desmoronarem-se. Tinha que me ver livre daquelas imagens, e fiz um esforço enorme para tentar mexer o braço.

Por fim, o braço começou a curvar-se, mas estava extraordinariamente rígido. E à medida que o ia flectindo, a dor trespassava-me com tanta intensidade que comecei a gritar soltando um estranho e dissonante ruído. Os meus olhos abriram-se de uma só vez, e, de início, apenas consegui ver uma neblina leitosa. Movimentei o pescoço. Voltei a sentir aquela dor lancinante. Mas as imagens estavam a começar a desaparecer. Dobrei a perna e comecei a arfar. Subitamente, pareceu-me estar a ser invadido por chamas, que começaram a derreter o gelo que me congelara o sangue. Comecei a estremecer por todos os lados, mas a dor começava a diminuir. E então, apercebi-me de que estava deitado de costas, a olhar fixamente para o céu azul. Pareceu-me estar no fundo de um poço, pois havia paredes escarpadas de ambos os lados.

Passado muito tempo, fui capaz de me sentar, e comecei a inspecionar o local onde me encontrava. *Estava* realmente numa espécie de poço... Mas tratava-se de um poço feito pelo homem, pois era feito de rocha talhada. As esculturas eram semelhantes às que tinha vislumbrado, fugidamente, antes de ter tido o colapso. À luz do dia, não pareciam ser tão assustadoras, mas, apesar disso, eram bastantes repulsivas.

Sorri perante os meus receios. Manifestamente, tinha havido um terremoto, que tinha deitado abaixo o Templo do Futuro Buda. E as outras coisas que eu tinha visto haviam sido provocadas pelo efeito da droga no meu cérebro assustado. De alguma forma, tinha conseguido escapar ao pior dos tremores de terra, e encontrava-me relativamente ileso. Duvidava que Sharan e o seu povo tivessem tido a mesma sorte, mas era melhor agir prudentemente, até ter a certeza de que eles não se encontravam à minha espera, lá em cima. Muito provavelmente, o infeliz do Risaldar Jenab Shah, assim como os sowars, tinham sido mortos nas catacumbas. Mas, pelo menos, a Natureza tinha feito o trabalho para o qual eu havia sido nomeado... O tremor de terra tinha conseguido «acalmar» Sharan Kang. E mesmo que ele não estivesse morto, no mínimo, agora teria ficado desacreditado, uma vez que os sobreviventes do seu povo iriam encarar o terremoto como um sinal enviado pelos deuses.

Pus-me de pé e olhei fixamente para as mãos. Estavam cheias de pó, que não só era espesso como também parecia ali estar há vários séculos. As minhas roupas estavam todas esfarrapadas. Enquanto sacudia o pó, houve bocados de roupa que caíram para o chão. Passei os dedos pelo casaco. O tecido parecia ter *apodrecido*! Fiquei momentaneamente desorientado, mas depois raciocinei e julguei que talvez as minhas roupas tivessem sido afectadas pela acção de um qualquer gás estranho, que pudesse ter estado presente nas câmaras mais subterrâneas do templo... Um gás que, talvez combinado com a droga, me tivesse provocado todas aquelas bizarras alucinações.

Quando me senti ligeiramente melhor, comecei tão cautelosamente quanto me era possível a tentar escalar até ao cimo do poço, que ficava a cerca de nove metros acima de mim. Sentia-me muito fraco, e assustadoramente tenso. A rocha do poço era mole, partindo-se com frequência a cada vez que eu a testava para ver se encontrava um apoio sólido para o pé. Mas, servindo-me das gárgulas como se fossem degraus, lá consegui, lentamente, chegar até à boca do poço. Icei-me por cima do rebordo e espreitei com todo o cuidado em meu redor.

Não havia qualquer sinal de Sharan Kang nem dos seus homens. Para dizer a verdade, não havia qualquer sinal de vida. Fosse qual fosse a direcção para onde eu olhasse, só via ruínas. Nem um único edifício de Teku

Benga havia escapado ao tremor de terra. Muitos dos templos pareciam ter desaparecido por completo.

Ergui-me e comecei a caminhar por entre as ruínas, repletas de fendas, do que sobrara dos pavimentos.

Foi então que parei subitamente, e, pela primeira vez desde que tinha despertado, apercebi-me de que havia ali algo que eu não conseguia racionalizar.

Não se viam quaisquer cadáveres como já seria de esperar, uma vez que o terramoto ocorrera na noite anterior, tal como eu havia pensado. Mas talvez as pessoas tivessem conseguido abandonar a cidade atempadamente. Senti-me melhor com esse pensamento.

O que mais me surpreendeu não foi o facto de as estradas, os caminhos e os passeios estarem repletos de fendas, *mas sim o facto de haver ervas a crescerem profusamente por entre as mesmas!*

E agora, que estava a observar com mais atenção, no meio das ruínas também avistei trepadeiras, flores minúsculas da montanha, e pequenos canteiros de urze que cresciam por todo o lado. Tratava-se de ruínas *antigas!* E já deviam ter passado vários anos desde a última vez que tinham sido ocupadas!

Humedeci os lábios com a língua e tentei recompor-me. Talvez não me encontrasse, de modo algum, em Teku Benga. Talvez tivesse sido transportado desde a cidade de Sharan Kang e abandonado à morte no meio das ruínas de uma outra cidade qualquer.

No entanto, aquele local era, nitidamente, Teku Benga. Pois eu reconhecia as ruínas de vários edifícios. E dificilmente haveria uma outra cidade *como* Teku Benga, mesmo nos misteriosos Himalaias.

Além disso, também reconheci as montanhas que rodeavam a cidade, e o distante desfiladeiro, que conduzia ao que tinham sido as muralhas da cidade. E também era óbvio que eu me encontrava no meio das ruínas da praça central, na qual havia sido construído o Templo do Futuro Buda.

Senti novamente um calafrio de medo. E voltei a olhar para o meu corpo, coberto de pó, para as minhas roupas, para as ervas que se encontravam debaixo das minhas botas rasgadas, e tudo isso era, com toda a evidência, a prova demonstrativa, prova essa que estava a fazer pouco da minha sanidade, de que não tinham sido horas, mas sim *anos*, que haviam decorrido desde que eu tentara escapar à armadilha que Sharan Kang me tinha montado!

Poderia eu estar ainda a sonhar? perguntei a mim próprio. Mas se se tratasse de um sonho, era um sonho diferente de todos os outros que eu até então tivera. E somos sempre capazes de distinguir um sonho da realidade,

por muito vívido e coerente que um sonho possa ser. Isto foi o que eu pensei naquela altura, mas agora, pergunto-me, pergunto-me se...

Sentei-me numa laje de alvenaria partida e tentei pensar. Como poderia ser possível eu ainda estar vivo? No mínimo, deveriam ter passado dois anos desde o tremor de terra, se é que se tratara de um tremor de terra, e, enquanto as minhas roupas haviam sido submetidas ao decurso normal do tempo, o meu corpo não fora afectado. Poderia, afinal, ter sido o tal gás, que eu suspeitara ter causado a deterioração das minhas roupas, o responsável pela minha preservação? Esta era a única explicação para o que se tinha passado e uma bastante delirante. Mas seria necessário um cientista experiente para investigar o sucedido. Eu não estava à altura duma situação daquelas. Naquele momento, a minha tarefa era a de regressar à civilização, contactar o meu regimento e descobrir o que se tinha passado desde que perdera a consciência.

À medida que ia trepando por cima das ruínas, tentava afastar os pensamentos aterradores da minha mente, concentrando-me no meu problema imediato. Mas era difícil, e eu continuava sem conseguir afastar por completo a ideia de que tinha ficado absolutamente louco.

Por fim, consegui chegar às muralhas derruídas, e arrastei o meu corpo dorido por cima delas. Ao chegar ao cimo, olhei para baixo, vi o que havia do outro lado, e tentei encontrar a estrada que aí existira. Mas tinha desaparecido. No seu lugar, via-se agora um abismo escancarado, como se a rocha se tivesse rachado ao meio, abrindo uma enorme fenda, e a parte da montanha onde a cidade existira tinha-se deslocado, pelo menos, uns bons trinta metros. Não havia absolutamente forma alguma de atravessar para o outro lado. Comecei a rir-me num áspero e exausto cacarejo, e depois fui tomado por uma série de soluços secos e dolorosos. De alguma forma, o destino tinha-me poupado a vida, mas apenas para me presentear com o prospecto de uma morte vagarosa, à medida que eu ia morrendo à fome naquela montanha sem vida.

Vencido pela fadiga, resolvi deitar-me e descansar a cabeça, e devo ter dormido um sono espontâneo durante uma hora ou duas, pois quando acordei, olhei para o céu e o Sol já estava mais baixo. Eram cerca de três horas da tarde.

Quase tive que me arrastar para me pôr de pé, dei meia volta, e comecei a regressar por entre as ruínas. Ia tentar alcançar o outro lado da cidade, para ver se existiriam quaisquer outros meios de descer a montanha.

À minha volta podia ver as encostas cobertas de neve dos Himalaias: impassíveis, e indiferentes a tudo. Por cima de mim estava o pálido céu azul, onde nem sequer se via um único falcão a voar. Era quase como se eu fosse a última criatura com vida no mundo.

Impedi-me de continuar com essa linha de pensamentos, pois sabia que se começasse a raciocinar daquela forma, a loucura seria o resultado final.

Quando finalmente cheguei ao lado mais afastado da cidade, o desespero voltou a invadir-me, uma vez que em todos os quarteirões que ainda restavam havia penhascos abruptos que desciam até às profundezas, no mínimo, várias dezenas de metros. Essa era, sem dúvida, a razão porque a cidade tinha sido ali construída. Havia uma única forma de aproximação, ou melhor, tinha havido, e isso significava que Teku Benga estava a salvo de qualquer coisa menos de um ataque frontal. Encolhi os ombros em desespero e comecei a perguntar-me quais das várias plantas ali existentes seriam comestíveis. Não que estivesse com fome, naquele momento. Esbocei um sorriso amargo. Por que razão deveria ter agora fome se permaneci vivo durante, pelo menos, dois anos? A piada fez-me rir. Mas foi um riso de louco. Resolvi parar. O Sol estava a começar a pôr-se, e o ar tinha ficado mais frio. Por fim, rastejei até um abrigo formado por duas lajes de alvenaria, e acabei por voltar a cair num profundo sono sem sonhos.

Já era de madrugada quando voltei a acordar. Senti uma nova confiança e estabeleci uma espécie de plano. O meu cinto de cabedal e a correia que tinha ao ombro não tinham sido afectados pelo tempo, e, apesar de estarem um pouco estalados, ainda possuíam bastante resistência. Tinha decidido ir pesquisar as ruínas até encontrar mais cabedal. Algures, por entre os escombros, deveria haver baús, até mesmo os restos mortais dos guerreiros kumbalaris que tinham morrido no tremor de terra. Iria dedicar o que restava da minha energia a descobrir cabedal suficiente com o qual pudesse entrançar uma corda. Pois, com ela, poderia tentar descer a montanha. E se viesse a morrer nessa tentativa, bem... Não seria pior do que as formas alternativas de morrer que se me apresentavam.

Passei as várias horas que se seguiram a escalar e a descer as ruínas, tendo descoberto em primeiro lugar o esqueleto de um soldado kumbalari, ainda vestido com peles, armadura e cabedal. À volta da sua cintura estava enrolada uma boa quantidade de cabedal entrançado. Testei-o e ainda possuía resistência suficiente. Com a moral um pouco mais elevada, continuei a minha busca.

Estava eu aninhado nas ruínas de um dos templos, a tentar desenterrar outro esqueleto, quando ouvi aquele som pela primeira vez. De início, pensei que fosse o barulho dos ossos a rasparem na rocha, mas era demasiado suave para se tratar disso. Depois, pensei que, afinal de contas, talvez não estivesse sozinho no meio daquelas ruínas. Estaria eu a ouvir o ronronar de um tigre? Também não era isso... Apesar de se parecer mais

com o som do felino do que com o arrastar dos ossos. Parei de arrastar o esqueleto e inclinei a cabeça, para tentar ouvir melhor. Tratar-se-ia de um tambor, talvez?... Do rufar de um tambor a ecoar através das montanhas? Contudo, a origem do som poderia muito bem estar a oitenta quilómetros de distância. Resolvi recuar, rastejando através da fenda, e à medida que me ia movimentando, uma sombra começou a espalhar-se pelos fragmentos das pedras que havia à minha frente. Tratava-se de uma gigantesca sombra escura, que poderia muito bem ser a de uma enorme ave, só que era bastante mais comprida, e possuía uma forma regular e curvilínea.

Voltei a duvidar da minha própria sanidade, e, sentindo algum receio, forcei-me a olhar para cima.

Fiquei a arfar de estupefacção. Não se tratava de uma ave, mas sim de um gigantesco balão, em forma de charuto! E, todavia, não se parecia com qualquer outro balão que eu tivesse alguma vez avistado, pois o seu invólucro parecia ser rígido, construído a partir de uma espécie de metal prateado, e, ligada a esse invólucro (sem estar a balouçar, presa por cordas), havia uma barca, com quase o mesmo comprimento que o próprio balão.

Mas, o que mais me surpreendeu foi a frase inscrita em letras grandes no seu casco:

FORÇA AÉREA REAL INDIANA

A partir da popa desse balão eram projectadas quatro «asas» triangulares, que possuíam uma incrível semelhança com as barbatanas lisas da cauda de uma baleia. E, pintada em cada uma delas, em vermelho, branco e azul brilhantes, podia ainda ver-se a bandeira do Reino Unido.

Por momentos, a única coisa que consegui fazer foi ficar a olhar espantado para aquele monstro voador, com uma incrédula admiração. A seguir, comecei a saltar por cima das ruínas, ao mesmo tempo que ia aceitando e gritando com quantas forças tinha!





Um Arqueólogo Amador

Eu próprio devia ser um espectáculo bastante estranho de ser visto, com o corpo todo sujo e vestido com roupas a desfazerem-se de podres, ao mesmo tempo que ia dançando e rugindo como um louco, no meio das ruínas daquela antiga cidade, como se fosse uma espécie de naufrago antigo, que por fim avistara a embarcação que o poderia salvar. Mas não pareceu que a embarcação dos céus me tivesse visto. Imperturbável, continuou a navegar, seguindo o seu caminho em direcção às distantes montanhas que ficavam a norte, com os seus quatro notáveis motores a soltarem um suave e regular batimento, fazendo rodar as maciças hélices giratórias que, aparentemente, propulsionavam o aparelho.

O balão passou por cima das ruínas e pareceu continuar o seu rumo, ignorando a minha presença, como se eu fosse uma mosca pousada num dos seus flancos.

Depois, os motores pararam. E eu fiquei à espera, com os nervos em franja. Qual iria ser o próximo movimento do balão? Continuava a avançar, levado pelo seu próprio impulso.

Quando os motores começaram de novo a trabalhar, o som por eles produzido tornara-se mais agudo do que anteriormente. Deixei-me abater por uma sensação de desespero. Muito provavelmente, os seus ocupantes, partindo do princípio de que *havia* alguém a bordo daquele monstro, pensaram ter avistado algo, mas logo depois decidiram que não valeria a pena pararem para averiguar do que se tratava. Uma trepidação varreu o enorme casco prateado em todo o seu comprimento, e então, muito lentamente, começou a andar para trás até ao local onde eu estava sentado, ofegante e ansioso. A marcha das hélices tinha sido invertida, tal como se faz com as de um navio a vapor.

Voltei a dar um salto, com o meu rosto a libertar um enorme sorriso, que me deixou os dentes todos a descoberto. Estava prestes a ser salvo... E pouco me importava se se tratava da máquina voadora mais estranha que alguma vez fora inventada.

Em pouco tempo, o enorme casco do mesmo tamanho que um pequeno navio a vapor encontrava-se já por cima da minha cabeça, encobrindo o

céu. Parcialmente louco de alegria, continuei a acenar. Ouvi alguns gritos distantes, vindos do alto, mas não consegui perceber as palavras que haviam sido ditas. Uma sirene começou a soar, e eu pensei tratar-se de um cumprimento, à semelhança do apito de um navio.

Depois, repentinamente, algo começou a descer do aparelho. Fui violentamente atingido por alguma coisa no rosto e projectado para trás, contra uma rocha. Respirava agora com alguma dificuldade, incapaz de perceber qual teria sido o motivo daquele ataque, e que tipo de projectil havia sido utilizado.

A pestanejar, endireitei-me e observei o que se estava a passar em meu redor. Alguns metros à minha volta, um pouco por todo o lado, as ruínas encontravam-se brilhantes e húmidas e podiam ver-se, agora, várias poças de dimensões consideráveis. Eu estava completamente encharcado. Ter-se-ia tratado de alguma brincadeira de mau gosto, para se divertirem às minhas custas?... Teria sido a melhor forma que encontraram de me dizerem que eu estava a precisar de um banho? Não me pareceu tratar-se disso. Ligeiramente abalado, levantei-me, ficando à espera que o dirigível lançasse outra carga de água.

Foi então que me apercebi de que o aparelho estava a descer rapidamente em direcção às ruínas, pairando cada vez mais baixo no ar, sempre com as sirenes a soarem. Tive sorte que não tivessem transportado areia como lastro pois era disso que se tratava toda aquela água! Já mais leve, o balão era agora capaz de vir em meu auxílio muito mais rapidamente.

Em pouco tempo, encontrava-se a pouco mais de seis metros de altura. Olhei fixamente, ainda com alguma dificuldade em acreditar, para a frase inscrita lateralmente, e para as bandeiras do Reino Unido, pintadas nas barbatanas da cauda. Não havia qualquer dúvida de que eram reais. Em tempos eu tinha visto um dirigível a ser pilotado pelo Sr. Santos-Dumont, mas tratava-se de uma amostra, se comparado com este gigante. Pelos vistos, tinha havido imensos progressos nos últimos anos, pensei eu para comigo.

Naquele momento, foi aberto um alçapão circular na parte inferior da barca de metal, e apareceram uns quantos rostos divertidos de britânicos, a espreitarem pelo bordo da abertura.

«Desculpe lá o banho, amigo» disse um deles, num tom de voz londrino familiar. «Mas nós tentámos avisá-lo. Percebe inglês?»

«Eu *sou* inglês!» disse eu, como se estivesse a coaxar.

«C'um caneco! Espere um minuto...» E o rosto desapareceu.

«Pronto!» disse o rosto, que entretanto reaparecera. «Desvie-se para o lado!»

Dei um passo atrás, com algum nervosismo, à espera de levar outro

banho, mas, desta vez, foi lançada uma escada feita de corda, que desceu serpenteando desde o alçapão. Avancei numa corrida e agarrei-a com alívio, mas, mal a minha mão apertou o primeiro degrau, ouvi um grito vindo de cima:

«Ainda não! Ainda não! Oh Murphy, aquele idiota! O...»

Não captei o resto da injúria, porque estava a ser arrastado por cima das rochas, até que lá consegui largar o degrau da escada que segurava e caí, batendo com a cara no chão. A máquina voadora tinha-se desviado ligeiramente da sua rota, descrevendo uma fracção de círculo no céu, uma fracção que se traduziu nuns bons metros, e deitou-me por terra uma segunda vez! Levantei-me mas nem sequer tentei voltar a agarrar a escada de corda.

«Nós já descemos!» gritou o rosto lá de cima. «Fique onde está!»

Daí a pouco, dois homens elegantemente vestidos saíram do alçapão e começaram a descer a escada. Estavam vestidos com uniformes brancos, muito semelhantes aos usados pelos marinheiros nos trópicos, apesar de as suas jaquetas e calças estarem debruadas com faixas largas em azul-claro, e eu não ter reconhecido a insígnia que traziam nas mangas. Admirei a velocidade e habilidade descontraídas com que desceram a escada oscilante, ao mesmo tempo que desenrolavam uma corda que estava presa ao aparelho. Quando se encontravam a alguns degraus acima de mim, atiraram-me uma corda.

«Agora com calma, amigo» disse o homem que me dirigira as primeiras palavras. «Ate-a à sua volta, por baixo dos braços, e nós encarregamo-nos de o subir! Percebeu?»

«Percebi!» E obedeci rapidamente às suas instruções.

«Está bem agarrado?» perguntou o mesmo homem.

Acenei que sim com a cabeça e segurei-me à corda com toda a força.

O «marinheiro» do céu acenou na direcção de outro membro da tripulação que eu não conseguia ver. «Podes puxar, Bert!»

Ouvi o queixume de um motor e logo a seguir estava a ser puxado para cima. De início, comecei a rodopiar descontroladamente, e senti-me bastante enjoado e tonto, até que um dos homens que se encontravam na escada se inclinou e me agarrou uma perna, estabilizando assim a minha subida.

Após o que deve ter sido um minuto, mas que mais me pareceu tratar-se de uma hora, fui arrastado por cima do bordo do alçapão e dei por mim numa câmara circular com cerca de três metros e meio de diâmetro e dois e meio de altura. A divisão era toda ela feita de metal, e assemelhava-se bastante à torre de uma peça de artilharia, revestida por um material moderno feito de ferro. O pequeno guincho a motor, que havia sido utilizado para me puxar, era agora desligado por outro homem em uniforme, que

era sem dúvida Bert. Os outros dois subiram a bordo, enrolaram a escada de corda de uma forma habilidosa, e encerraram o alçapão com um som estridente, fechando-o com firmeza.

Havia outro homem na câmara, que se encontrava de pé, junto a uma porta de forma oval. Também ele estava vestido com calças de flanela brancas, usava um capacete colonial como protecção para o Sol, e tinha dragonas com estrelas de major nos ombros da camisa. Era mais pequeno do que os outros, possuía um rosto bem definido e astuto, e um pequeno bigode preto bem aparado, que alisava com a ponta da sua bengala, ao mesmo tempo que me observava atentamente, com um rosto impenetrável.

Depois de uma pausa, enquanto os seus enormes olhos negros mediram o meu aspecto de alto a baixo, ele disse: «Bem-vindo a bordo. É inglês, não é verdade?»

Acabei de retirar a corda debaixo dos braços e cumprimentei-o: «Sim, senhor. Capitão Oswald Bastable.»

«Do Exército, ah? Um pouco estranho, ah? Sou o Major Powell, da Polícia da Força Aérea Real Indiana, tal como provavelmente já terá reparado, né? E este é o dirigível patrulha *Pericles*.» Esfregou o nariz comprido com a ponta da bengala. «É extraordinário... Extraordinário! Bom, falaremos disso mais tarde. Primeiro, vamos levá-lo à enfermaria de bordo, digo eu, né?»

Abriu a porta oval e desviou-se para o lado, enquanto os dois homens me ajudaram a entrar.

Encontrava-me agora num longo corredor, completamente despedido de um dos lados, mas que possuía enormes vigias do outro. Através dessas janelas podia ver as ruínas de Teku Benga, a afastarem-se lentamente por baixo de nós. Ao fundo desse corredor havia uma outra porta e, para lá dela, uma esquina que conduzia a uma passagem mais estreita, contendo de ambos os lados várias portas alinhadas, que ostentavam vários letreiros. Um desses letreiros dizia: Enfermaria de Bordo.

No interior havia oito camas, mas nenhuma delas se encontrava ocupada. Ali, podiam ver-se todos os utensílios de um hospital moderno, incluindo alguns instrumentos cuja finalidade eu não era capaz de adivinhar. Deixaram-me despir por detrás de um biombo e tomar um longo banho na banheira que havia no local. Sentindo-me já bastante melhor, enfiei-me dentro do pijama que me foi dado (também ele branco e azul-céu), e dirigi-me de seguida à cama que me tinham preparado, ao fundo da enfermaria.

Sentia-me numa espécie de transe, devo admiti-lo. Tinha dificuldade em acreditar que me encontrava num quarto que, naquele momento, estaria provavelmente a flutuar várias dezenas de metros, ou mais, acima das

montanhas dos Himalaias. Ocasionalmente, sentia-se uma leve deslocação de um lado para o outro, ou um estranho chocalhar, tal como o que se sente quando andamos de comboio, e, de facto, sentia-me como se estivesse a viajar de comboio... Talvez, mais propriamente, num luxuoso expresso de primeira classe.

Passados alguns minutos, o médico do dirigível entrou no quarto e trocou breves palavras com o enfermeiro, que estava a fechar o biombo. O médico era um jovem, com uma cabeça grande e arredondada, e uma enorme cabeleira ruiva. Quando falou, fê-lo com um suave sotaque escocês.

«Capitão Bastable, não é assim?»

«É verdade, senhor doutor. Eu estou bem, acho. Pelo menos, no que respeita ao meu corpo.»

«Ao seu corpo?... O quê qu'acha qu'há de errado com a sua cabeça?»

«Francamente, doutor... Acho que estou, muito provavelmente, a sonhar.»

«Foi o que *nós* pensámos, quando o vimos pela primeira vez, lá em baixo. Como é que o senhor conseguiu chegar até àquelas ruínas? Eu pensei que era impossível.» Ao mesmo tempo que falava, verificou-me a pulsação, observou-me os olhos, e fez as coisas normais que os médicos nos costumam fazer, quando não encontram nada de particularmente anormal.

«Não sei se iria acreditar na minha palavra, doutor, se lhe dissesse que fui até lá montado num cavalo» disse eu.

O médico soltou uma gargalhada peculiar e enfiou-me um termómetro dentro da boca. «Não! Acho que não iria acreditar! A cavalo?! Ah!»

«Bem...» disse eu, com algum cuidado, depois de ele ter retirado o termómetro. «Na realidade, eu cavalguei até àquelas ruínas.»

«Ai, ai!» Manifestamente, ele não acreditava em mim. «Muito provavelmente, o senhor pensa que foi assim que lá chegou. E o cavalo saltou por cima daquele abismo, não foi?»

«Não havia qualquer abismo naquele lugar quando lá cheguei.»

«Não havia qualquer abismo?...» O médico riu-se em voz alta. «Pelas minhas estrelas protectoras! Não havia qualquer abismo! Sempre ali existiu um abismo... Pelo menos, há imenso tempo que ali existe. Era por causa disso que estávamos a sobrevoar as ruínas. A única forma de lá chegarmos é através de um dirigível. O Major Powell tem um pouco de arqueólogo amador. E tem autorização para fazer o reconhecimento desta área, com vista a explorar Teku Benga durante algum tempo. Ele sabe mais acerca das civilizações perdidas dos Himalaias do que qualquer outra pessoa. O nosso Major Powell é um erudito.»

«Difícilmente eu consideraria os kumbalaris uma civilização *perdida*» disse eu. «Pelo menos, no sentido estrito da palavra. Aquele tremor de terra

só pode ter ocorrido há cerca de dois anos, sem dúvida alguma. E foi nessa altura que eu aí me dirigi.»

«Há dois anos?! O senhor esteve naquele lugar, que Deus abandonou, durante dois anos? Pobre coitado... Mas encontra-se em perfeitas condições físicas, permita-lhe que lho diga!» De repente, franziu as sobrancelhas. «Tremor de terra? Não ouvi falar em qualquer tremor de terra em Teku Benga. Repare que...»

«Não houve qualquer terramoto em Teku Benga que possa ter ficado na memória de alguém.» Era a voz cortante e precisa do Major Powell, que tinha entrado enquanto conversávamos. Olhou para mim com uma certa combinação de curiosidade e de cautela. «E duvido piamente que alguém conseguisse lá viver durante dois anos. Em primeiro lugar, não há lá nada que comer; mas, por outro lado, não existe qualquer outra explicação para justificar a forma como ali chegou... A não ser que se tivesse realizado uma qualquer expedição privada, de que eu nunca ouvi falar, e que a mesma tenha *voadado* até esse local, há dois anos.»

Foi a minha vez de me rir. «Muito dificilmente terá sido isso que aconteceu, senhor. Há dois anos não existia qualquer aparelho voador desse género. De facto, é extraordinário como...»

«Acho que lhe devias fazer uma revisão aqui em cima, Jim» disse o Major Powell, ao mesmo tempo que batia com a bengala na cabeça. «O pobre coitado perdeu toda e qualquer noção do tempo... Ou algo parecido. Qual foi a data em que o senhor partiu para Teku Benga, Capitão Bastable?»

«Vinte e cinco de Junho, meu major.»

«Uummm... E de que ano?...»

«Ora essa! De 1902, senhor.»

O médico e o major olharam fixamente um para o outro com alguma preocupação estampada nos rostos.

«Foi quando aconteceu o tremor de terra... Tudo bem!...» Disse o Major Powell, calmamente. «Em 1902! Morreu quase toda a gente. E *havia* alguns soldados ingleses no local... Oh, meu Deus! Isto é ridículo!» Voltou-se de novo para mim. «O senhor encontra-se num estado muito grave, meu jovem. Eu não lhe chamaria amnésia... Digamos antes uma espécie de falsa memória. A mente está a pregar-lhe partidas, ah?... Talvez o senhor tenha lido muitos livros de História, ah, tal como eu? Talvez seja um arqueólogo amador, também? Bom, espero que o consigamos curar rapidamente, e que fiquemos a saber o que realmente aconteceu.»

«O que há de tão estranho na minha história, major?»

«Bom, para começar, meu caro, o senhor está um tanto ou quanto bem preservado para quem foi até Teku Benga, em 1902; isso foi há mais de setenta anos. Estamos a quinze de Julho. E o ano, lamento informá-lo, é

o de 1973. Depois de Cristo, obviamente. Será que tudo isto o faz recordar de alguma coisa?»

Sacudi negativamente a cabeça. «Lamento, meu major. Mas tenho que concordar com o senhor numa coisa: é óbvio que estou completamente louco!»

«Esperemos que não seja permanente» disse o doutor, mostrando um sorriso. «Provavelmente, tem andado a ler muitas histórias do H. G. Wells, não?»